



ST9. HISTÓRIA POLÍTICA

499

A FABRICAÇÃO DO MITO POLÍTICO DE RONALDO CUNHA LIMA

Maria Auberlane do Nascimento Lima^{1,2}

Resumo: Esta comunicação é o resultado do projeto de PIBIC-UEPB (Cota 2013-2014) intitulado “*A morte e festa do líder: Estratégias de Construção do Mito político Ronaldo Cunha Lima*”, coordenado pelo professor Dr. José Adilson Filho². Procura-se analisar como tal ator desenvolve algumas estratégias para se legitimar politicamente no cenário paraibano. Todavia o foco principal concentra-se na análise da sua morte e seu velório no Parque do Povo, mediante a apreensão dos sentidos e significados subjacentes ao evento, tais como a última homenagem ao morto, às narrativas e imagens feitas para consagração do líder. Nossa pesquisa se inscreve na Nova História Política e utiliza-se da análise de produções bibliográficas, entrevistas, jornais locais e fotografias.

Palavras-chave: Política. Ronaldo Cunha Lima. Mito.

Este artigo é proveniente do nosso referido projeto pesquisa procura analisar histórica e socioantropologicamente a morte e a posterior tentativa de transformação de Ronaldo Cunha Lima num mito político paraibano. Sua morte ocorreu no dia 07 de julho de 2012, sendo seu corpo velado e ritualizado no Parque do Povo, símbolo dos maiores eventos culturais da cidade de Campina Grande. Uma das outras estratégias de construção do mito é o uso político daquilo que foi inventado como o “Maior e Melhor São João do Mundo” que é realizado no mesmo local, e que teve seu calendário em 2013, propositadamente adaptado às comemorações do primeiro ano de aniversário de falecimento do ator político. Em ambos os acontecimentos – a **morte** e a **festa** – o Parque do Povo fora escolhido para ser o lugar por excelência da tentativa de consagração do líder Ronaldo Cunha Lima numa figura perene e espectral no imaginário social dos paraibanos. É claro que além destes dois elementos há outros aspectos que contribuem para dotar de legitimidade seu espectro político, tais como sua

¹ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Bolsista projeto do projeto: *A morte e festa do líder Estratégias de Construção do Mito político Ronaldo Cunha Lima* (PIBIC CNPq). UEPB/ belalima15@hotmail.com

² Orientador Professor Dr. José Adilson Filho, atua nas linhas de pesquisa; História e Cultura Política, História Fontes e Identidades, Poder e Cultura Política do Tempo Presente. Orientador do projeto: *A morte e festa do líder Estratégias de Construção do Mito político Ronaldo Cunha Lima*

origem familiar, seu lugar social, suas ações administrativas, sua sensibilidade poética, seu temperamento e personalidade, que também iremos abordar em nossa pesquisa.

Nesse sentido, estamos nos apropriando das análises de Peter Burke a respeito da “fabricação da imagem pública do rei Luís XIV”, na qual procura mostrar como através do dispositivo das representações, tentou-se construir e legitimar o poder do “rei sol” na França. Na mesma linha de raciocínio, dialogamos com Marc Bloch, que no seu livro clássico “Os reis Taumaturgos” empreende uma análise sobre a crença no poder milagroso do toque real. Em ambos, interessa-nos captar o papel das representações e a força do imaginário na construção e legitimação do poder político. Além destes, são úteis as contribuições de Raoul Girardet (Mitos e mitologias políticas) e Georges balandier (O poder em cena) para no primeiro caso compreender como modelo de representação política e sua estratégia de teatralização, dentre outros textos que fundamentaram este artigo.

TRAJETÓRIA POLÍTICA DE RONALDO CUNHA LIMA

A carreira desse líder foi ascendente e ocupou praticamente todos os espaços de poder política na esfera paraibana: assumiu cargos no legislativo e no executivo: foi deputado estadual por dois mandatos e em 1969, se elegeu prefeito de Campina Grande, mas teve seu mandato cassado pela ditadura militar. Em 1982, foi novamente eleito prefeito da cidade, pelo PMDB, e assumiu o cargo em 1983, onde marca a sua volta com a frase. “Volto a minha Campina dos tempos de evangelho e ao entrar nessa cidade afoguei minhas saudades nas águas do açude velho”. O político e poeta se fazem da beleza e da intensidade da poesia para imprimir sua política, pois o regresso à Campina Grande foi o retorno como político eleito democraticamente,

Ele usa do jogo de linguagem para afirmar a saudade daquele que ele descreve como seu lugar, se valendo de sentimentos e esperanças. No ano de 1990, elege-se governador da Paraíba, cargo que deixou em 1994 para concorrer ao Senado Federal em que se elegeu e em 2002, foi eleito deputado federal. Com problemas de saúde, desde 1999 quando sofreu um acidente vascular cerebral, Ronaldo Cunha Lima ainda permaneceu, alguns anos na vida pública e deixou a Câmara Federal em 2007, sofrendo a possibilidade de ter seu mandato cassado pelo Supremo Tribunal Federal, ainda decorrente do episódio no qual havia baleado Tarcísio Burity, ex-governador da Paraíba, na cidade de João Pessoa. Com a Morte de Ronaldo Cunha Lima, pouco se ênfase a esse episódio em sua carreira política e a outros que o marcavam negativamente.

A “HERANÇA” POLÍTICA DE RONALDO CUNHA LIMA.

O político Ronaldo Cunha Lima não é o único político ilustre da sua família, o seu filho Cássio Rodrigues Cunha Lima, foi apontado como seu principal sucessor político, e atualmente o filho de Cassio Pedro Cunha Lima também segue os caminhos políticos

assim como irmãos, sobrinho e neto seguem a “dinastia” Cunha Lima de poder, não apenas sobre a cidade de Campina Grande, mas do Estado da Paraíba.

Para destacar o nome de Cassio Cunha Lima sua na sucessão a prefeitura de Campina Grande, o parque do povo serviu como palco para esse ritual de passagem em que o pai entrega ao filho a cidade de Campina Grande e o controle dela, naquele local tão simbólico. Vale lembrar que o parque do povo, espaço-emblema da cidade, foi planejado e construído. Este espaço foi construído, entre outras coisas para dá concretude aos maiores eventos da cidade, a exemplo do “Maior São João do Mundo”. O momento estratégico de anúncio da candidatura do seu filho a prefeito de Campina Grande acontece de forma estratégica em uma das noites de São João.

Em 1989, há uma questão crucial para se resolvida pelo prefeito Ronaldo José da Cunha Lima: que nome escolher para sucedê-lo na administração municipal, nas eleições do mês de novembro do corrente ano. E, não por coincidência, ele escolhe o nome de seu próprio filho para candidato, Cássio Rodrigues Cunha Lima, na época exercendo o mandato de deputado estadual. E não menos sem coincidência, ele escolhe exatamente o espaço da festa do “ Maior São João do Mundo” para lançar a candidatura de seu filho- na oportunidade em que no parque do povo ocorria o encerramento oficial do festejo junino do referido ano. Ao discursar para o público presente cerca de 50 mil pessoas- o prefeito, como de praxe, agradece ao povo, aos patrocinadores e aos que direto ou indiretamente contribuíram para o sucesso da festa e assumiu a paternidade do evento. (LIMA, 2008 p 151).

Ao assumir a paternidade da festa o ator político entrega as mãos de seu filho Cássio Cunha Lima em um gesto de que “um filho cuidará do outro”, dando continuidade o jogo de sedução em que o Senador aproveita o momento para alfinetar os políticos que pretendem acabar com o São João de Campina Grande, mas se Cassio Cunha Lima eleger-se é a garantia de que o São João segundo Ronaldo Cunha Lima não desaparecerá e para reforçar o apoio a candidatura de Cássio Cunha Lima o presidente da Câmara de vereadores de Campina Grande reafirma o apoio ao candidato e o fim dos festejos no Parque do povo se transformou num palanque, num comício político, em que a maior preocupação era apontar Cassio Cunha Lima para prefeitura, assegurando a continuação dos festejos juninos.

Assim como um teatro em que o ator comove, vende a sua personagem e sua história ao público assim também se faz ator político. Ele procura lugares estratégicos para sua encenação para legitimasse como líder consagrado pelo “povo”. Sendo assim, o parque do povo será a sua casa, a qual com a vitória de Cassio Cunha Lima nas urnas se fortalece.

O político que se ameniza na imagem do poeta, tenta sempre sobrepujar-se como um demiurgo que transcende o lado vil, rasteiro das relações políticas. Ele exorta à vitória do filho da seguinte forma:

Ronaldo: exortação de amor a Campina

[...], a imensa emoção que agora vivo. Repito palavras que já vos disse, revivo emoções que me destes, e reencontro instantes que construímos juntos. Em determinado momento da campanha eleitoral que permitiu a sublimação desta hora, eu vos disse que hoje não iria cantar uma canção de despedida. Eu ia fazer uma exortação de amor. Eu, que gosto de falar aos corações, desejo, hoje, que fale, apenas, o meu coração. Quero que a minha mensagem reflita todas as emoções que tenho represadas na alma. A emoção daquele primeiro instante, ao assumir a grave mas grata responsabilidade de governar Campina, ao vos dizer que não voltava por amor ao sacrifício, mas para mostrar que não há sacrifício para amor.[...]. Mas, resisti pela certeza de que o amor de minha causa era maior do que a causa do meu amor. Era grande o desafio a vencer. Em todas as áreas os problemas que se avolumaram, exigindo probidade e acuidade, competência e eficiência, eficácia e pertinácia, mas exigindo também amor com destemor e bravura com ternura.[...]. [...], que te oferto Campina, em retribuição à vitória dos meus sonhos. Inspirado na trilogia da Honestidade, Criatividade e Amor, se não foi possível fazer tudo, eu fiz o que foi possível. Permiti, menos por vaidade e mais como confissão de amor. Que vos mostre alguns exemplos [...] por meio dos versos que conheceis ‘O pedestre quando passa. Vê a flor que agora é sua. A flor enfeitando a praça. A praça enfeitando a rua. [...] **Chego, agora, ao fim dessa jornada, marcada que foi por angústias iniciais, por preocupações atormentadas, por dificuldades que foram sendo superadas, para culminar na majestosidade deste instante em que me concedeis a suprema ventura de passar às mãos de um filho o destino de minha cidade, palco dos meus sonhos e depositária do meu amor.** Prefeito Cássio, meu filho Cássio Cunha Lima: entrego-lhe, agora, ao testemunho do povo e sob as bênçãos de Deus, a responsabilidade que foi minha até agora de dirigir minha amada Campina Grande, reduto inviolável de minhas crenças. Suplante-me em amor e dedicação e eu me aumentarei no amor de pai, orgulhoso pela ação do filho. [...]. Receba as minhas bênçãos de pai, mas acima delas, acredite nas bênçãos de Deus.[...] Não saio com a sensação de quem parte sem saber se volta e quando vai voltar. Saio com a convicção de que não te deixo, pois os meus caminhos são os teus caminhos e por onde quer que eu ande eles me conduzirão a ti. Aqui, apenas termina uma missão que me permito dizer finalmente cumprida. Não nos despedimos. Não é hora de dizer adeus. É instante de selarmos novos compromissos. Se eu tive a grande ventura de te ajudar a continuar grande, eu te peço que me ajude a continuar lutando para te fazer maior. Em breve nos abraçaremos nos “caminhos do futuro. Até breve. Ronaldo Cunha Lima”. (JP. P2, Política/Administração, 03 de janeiro de 1989. apud SILVA p. 113)

Ronaldo Cunha Lima usa elementos de emoção na entrega a Prefeitura de Campina Grande a seu filho, no qual Ronaldo Cunha Lima sempre evocando a fé cristã nesses momentos de agradecimentos. Durante a trajetória política do poeta ele sempre da sua relação com público de toque de relação, uma proximidade estratégia também dos demais políticos de caminharem com o povo “se fazer parte deles”.

Entretanto, os reis não eram iguais aos outros homens; eram tidos por serem sagrados. Mais: ao mesmo na Inglaterra (assim com na França), eram tidos por taumartugos. Como poderia s pessoas resignar-se por longo tempo a não atribuir à participação dos monarcas num rito musical uma virtude ativa? Porque desde muito outrora eram considerados curandeiros de escrófulas, começou-se a imaginar que a força miraculosa que deles emanavam e tinha influência também na transmissão de poder sobrenatural aos anéis. (BLOCH. 1993, p. 93)

O meio de convencimento em que o anel era um dos elementos para reafirmar o poder divino do monarca, assim com o político usa de meio para cria um aspecto divino a sua imagem a do homem religioso que entrega seus feitos a ele e Ronaldo Cunha Lima na maioria dos seus discursa usa da religiosidade para passar, assim o rei usava o toque para a “cura” e elementos que lhe criassem um imaginário de cura, o ator político usava de seu carisma para abraçar tocar os eleitores em momentos estratégicos seja durante os festejos Juninos naquele criado como “O Maior São João do Mundo” ou em durantes suas campanha política onde é necessário ter esse maior contato.

Através desses discursos mediados por jornais percebe-se que sua imagem está vinculada aos principais símbolos de poder e festejo da Paraíba seja durante o sua vida política, ou seja, na construção do mito a partir de sua morte e através dos discursos que o constrói como um dos principais personagens da história política paraibana.

A mídia assume um papel fundamental na construção e na reprodução de discursos entre os quais: a fala e a persuasão, assim como é comum o uso da retórica na política.

Desde que nascemos, palavras nos vão sendo ditas. Elas entram em nosso corpo, e ele vai se transformando. Virando uma outra coisa, diferentes do que era . Educação é isso: o processo pelo qual nossos corpos vão ficando iguais as palavras que nos pintam. Eu não sou eu: eu sou as palavras que os outros plantaram em mim. (ALVES apud FILHO. 2009, p. 61).

A palavra é usada para provocar, promover, envolver, encantar, convencer. Tanto o político quanto o poeta trabalham com a palavra, sendo esta o principal instrumento de trabalho. Mas os gestos, sorrisos, olhares, silêncios, também dão formas, sentidos as performances do político. A subjetividade os vários “eus”, as várias influências que nos cercam, e as várias percepções de si. A morte também faz parte desse espetáculo, talvez o maior deles, onde se eterniza a figura, que não é mais representada pela de um corpo vivo, mas pelos discursos de outrem, que vão, relembrando, e fabricando seus feitos. No caso de Ronaldo Cunha Lima a ritualização da sua morte foi feita para gerar comoção coletiva, num espaço apropriado para a realização de espetáculos: O seu velório foi um verdadeiro espetáculo.

O ESPETÁCULO DA MORTE: AS NARRATIVAS QUE CONSTROEM O MITO.

Assim como a vida política de Ronaldo Cunha Lima foi teatralizada, a sua morte seguiu nessa mesma linha, foi um evento para o público constituído por seus admiradores,

familiares políticos. A perda do poeta, do pai do “Parque do povo”, do “Pai do Menino de Campina” Cássio Cunha Lima, poderia significar a ausência de um “pai protetor” da cidade.

O Velório de Ronaldo aconteceu em dois lugares: Palácio da Redenção em João Pessoa, que é a residência oficial do Governador, e em Campina Grande no Parque do Povo, este último construído durante sua gestão quando prefeito na década de 80, o qual foi criado como ambiente para promoção de grandes eventos, mas que virou também cenário de sacralização do seu poder. Ali acontece a realização do “Maior São João do Mundo”, ali foi também o lugar da ritualização de seu velório, do último adeus ao seu corpo, mas numa estratégia tentativa de eterniza-lo na memória e na história do povo paraibano.

Durante o velório do líder político Ronaldo Cunha Lima na pirâmide do parque do povo houve a comoção popular daqueles que foram eleitores e admiradores do poeta, alguns com as camisas usadas durante suas campanhas eleitorais, a imprensa apreendeu alguns discursos dos apaixonados pelo o poeta.



<http://g1.globo.com/paraiba/noticia/2012/07>. ACESSO 20 de novembro de 2013.

A aposentada Angelina Bernado estava chorando muito e os seguranças deixaram que ela tivesse acesso até o caixão. Ela beijou as mãos do político e poeta. "Ronaldo na minha casa era tido como um santo. Eu e minha família devemos tudo a ele pelo que ele fez por Campina Grande e pelo povo. Vai ficar muita saudade", disse. (site: <http://g1.globo.com/paraiba/noticia>). Depoimentos como o da aposentada compõem um dos elementos de fabricação do mito Ronaldo Cunha Lima.

O cortejo do corpo do líder político seguiu para o cemitério do Monte Santo onde foi acompanhado por uma multidão. Muitos amigos e eleitores do poeta levaram camisas, bandeiras e por todo o percurso cantaram sua música de Campanha que marcou a Paraíba: “*Oiô, oiô, oiô... Ronaldo Governador*”. A comoção dos populares atravessou o centro de campina Grande, dos apaixonados não apenas por Ronaldo, mas, pela família Cunha Lima.

As homenagens prestadas ao líder retomaram ao cenário do parque do povo, com os festejos do São João, em 2013, já que no dia 07 de julho faria um ano da morte de Ronaldo, tendo a programação do São João estrategicamente alterada para o termino do

São João para coincidir com o aniversário de morte do mesmo, tornando mais uma vez o parque de povo um dos principais lugares de consagração da memória do mito político onde seu corpo fisicamente não mais se faz presente, mas, como representação, através de discursos e dos lugares de memória. A festa no Parque do Povo é um desses lugares, no qual o morto torna-se um espectro visível e reluzente para milhares de pessoas. A visibilidade de milhares de pessoas que transitam por aquele espaço criado por ele e agora usado para a construção e mitificação dessa figura emblemática do cenário político paraibano.

Após os festejos da morte tendo o parque do povo como palco os fios que vão tecer a construção da memória são tecidos com narrativas saudosistas, com a construção de uma imagem ainda muito presente de Ronaldo Cunha Lima mesmo tendo o seu corpo sepultado. A lógica é fazê-lo viver através de uma seleção das melhores insígnias e ações. O seu lado mais obscuro, os escândalos devem ser silenciados, para não macular a fabricação do mito. As narrativas são laudatórias, e servem para criar um homem sem defeitos, envolvido unicamente com as causas do povo. O neto de Ronaldo Cunha Lima, Pedro Cunha Lima em uma sessão em homenagem ao citado ator político, em sessão especial no plenário para homenagear à memória de Ronaldo Cunha Lima.

Querida e amada glória Cunha Lima, através de que aproveito o enorme coração para saudar os demais presentes.

Em algum lugar próprio de sua essência brilha mais forte hoje nossa estrela maior e como sem perder a capacidade de uma vida inteira de nos guiar, o vazio deixado pela saudade é preenchido com luz sua tão especial e presente luz. Mais do que nunca em seu aniversário com aqueles que Deus permitiu ficar entre nós a simplicidade do seu sorriso, o carinho de seu olhar é celebrando que o sentimos por perto e nada mais vibrante que tê-lo por perto.

Do alto e não podia ser diferente, nossa estrela guia conserva embora com novos contornos a mesma forma que por muito acompanhou, um repertório imenso de gestos, um cenário repleto de amor. Homem da mais destacada presença de espírito agora em plano distinto, essa de sua intimidade para se fazer de espírito presente em alguns casos caso que sempre, sobrevive e versos permanece em rimas e hoje pode ser facilmente encontrada assim como é nesse instante entre os nossos melhores e mais escolhidos olhares, como diria meu amado pai Cassio, chama viva de Ronaldo na política. Nossa eterna inspiração agora de endereço incerto, de certo no infinito ressurgue com a certeza das multidões que guardaram parcelas do seu amor afinal para Ronaldo com toda a sua espontaneidade emocional e humanista, qualquer ser humano ao mesmo tempo era um só e multidão, o poeta viveu nas individualidades das multidões e viveu com tamanha intensidade em processo tão dedicado a doação que em determinado momento o limitado corpo se entregou as passadas da irrequietamente, após o longo período percorrido cheio de glória e conquista chegara a hora do descanso do repouso da incansáveis lutas.

Sereno o poeta subiu e se foi com se querendo da algo mais e se foi com se ainda tendo e não se foi na falta que impõe a vida no partir pra eternidade, Ronaldo em sua lida é presença na saudade. Na despedida houve quem tenha conseguido dizer adeus, houve quem tenha acompanhado o seu partir, houve a recusa de quem nem quis nem ir, e

quem sozinho em casa rogou a Deus, para todos sem restrição com de praxe. Termine na abrangência do poeinha em suas sempre lindas palavras do que vai ficar não importa que da despedida não fique nada, bastam às outras coisas do muito que nos vimos pelo menos um olhar há de ficar de tudo do que dissemos pelo menos uma palavra vai ficar, do quanto nos fizemos pelo menos um gesto vai ficar e do tanto que nos amamos pelo menos um pouco de amos há de ficar e pelo que vimos, pelo que fizemos, pelo que dizemos e pelo que amamos, pelo menos em lembrança um no outro vai ficar. (TV Senado. Acesso 31 mar.2014)

A narrativa tecida pelo seu neto, filho de Cássio Cunha Lima herdeiro também do nome político, imprime um saudosismo, que eleva a figura de Ronaldo Cunha Lima ao seguinte desenho a intensa “espontaneidade emocional” em que “ele e multidão são um só ao mesmo tempo”, “o poeta viveu nas individualidades das multidões”, exibindo assim a fabricação do mito político e mostrou como a política usa dessa ferramenta para se consolidar como poder, tendo uma sessão especial em homenagem ao homem político. A figura de seu neto ainda jovem fazendo o que Ronaldo talvez faria: usar as palavras para encantar e eternizar um mito político, ressaltando seus maiores feitos e valores, sua popularidade ou melhor o quanto os amavam. E quanto ele amava familiares e seu “povo” e o quanto era amado, fazendo um movimento de construção de memória e fabricação de um mito, cuja consistência vai sendo sedimentada com a argamassa das paixões, das representações, das fabricações da memória, mas também pelas lutas políticas e modernizações trazidas para a cidade de campina Grande (a terrinha querida) e para o estado da Paraíba. Será com estes materiais que a figura política de Ronaldo Cunha Lima vai sendo sedimentada como um mito paraibano.

Tendo a morte e a festa referido ator político, o espetáculo “eu”, onde todos os sentimentos sobre o corpo sem vida se afloram, resinificam, se moldam criando até mesmo uma nova figura uma nova face, se esquece o que passou de ruim e se exalta o bom, o bem e a falta que aquele corpo fará, se configurando assim na espetacularização do morto. Sabendo que política constitui-se numa dimensão que atravessa e molda a vida individual e coletiva de toda a sociedade. Ela é, ao mesmo tempo, externa e interna ao corpo dos indivíduos, sendo algo que (in) voluntariamente os arrastam, provocando-os e interpelando-os de tal forma que não conseguem se manter indiferentes ou neutros.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADILSON FILHO, José. **A cidade Atravessada**. Velhos e Novos cenários na política belojaridense. Recife: Comunigraf, 2009.

ARIÈR, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

Burke, Pitter. **A fabricação de Luís XIV**. A construção pública da imagem de Luís XIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1224.

GIRARDET, xzs Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987
LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **A Fábrica dos sonhos**. A invenção do sonho no espaço urbano. Campina Grande: Edufcg, 2008.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

SILVA. Iolanda Barbosa da. **A Construção espetacular de Ronaldo José da Cunha Lima**. 2009. 219 f. Tese (Doutoramento em Sociólogo). Programa de pós-graduação em sociologia, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba.